

Vida Económica

24-07-2015

Periodicidade: Semanal

Classe: Economia/Neócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 26000

Temática: Economia

Dimensão: 2979

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/6 a 7

Jorge Vasconcellos e Sá considera terceiro resgate
um risco para o euro e a Europa

Falta de liberdade económica afunda Grécia e Brasil

- “Os países onde há mais concorrência são os mais ricos”

Págs. 6 e 7

JORGE VASCONCELLOS E SÁ CONSIDERA TERCEIRO RESGATE UM RISCO PARA O EURO E A EUROPA

Falta de liberdade económica

A ausência de liberdade económica arrastou a Grécia para um terceiro resgate. O mesmo se passa com a atual recessão económica do Brasil. Para Jorge Vasconcellos e Sá, a situação destes dois países tem uma causa comum: a falta de liberdade económica.

“Temo pelo Euro e pela Europa”, afirma o presidente do Instituto de Liberdade Económica. “O que o mundo neste momento precisa é de uma Europa forte”, acrescenta. “Os países onde há mais concorrência – com regras – entre as empresas e onde o consumidor tem mais escolha são os mais ricos”, afirma.

JOÃO LUIS DE SOUSA
jlsousa@vidaeconomica.pt

VIRGÍLIO FERREIRA
virgilio@vidaeconomica.pt

Vida Económica - Apesar de ser um tema na moda, a importância do empreendedorismo está aquém do que seria necessário para o crescimento do país?

Jorge Vasconcellos e Sá - O empreendedorismo é parte da, mas não a solução.

É parte da, porque a correlação entre a capacidade de inovação e o PIB per capita dos países no mundo é muito alta. Logo a destruição criadora de Schumpeter é de facto um motor do desenvolvimento económico.

Mas não é a única solução. O crescimento económico também depende de outros fatores. Há, primeiro, os óbvios, como os recursos naturais (Qatar, Brunei, Kuwait, Emirados Árabes Unidos são os primeiro, quarto, quinto e sétimo com maior rendimento “per capita” do mundo...).

Há depois a instrução, a dimensão do seu mercado interno (e daí a criação de blocos económicos), a ética empresarial e das pessoas (o Trust do livro de Fukuyama), a tolerância social (como desenvolver um país que exclui 50% da sua população, p.e. as mulheres?), a qualidade de gestão das empresas (não há países subdesenvolvidos, há países subgeridos – Drucker) e, é claro, a liberdade económica: os países onde há mais concorrência – com regras – entre as empresas e onde o consumidor tem mais escolha são os mais ricos. Porque cada empresa é incentivada a dar o seu melhor, senão sai do mercado.



“O que o mundo neste momento precisa é de uma Europa forte”, afirma Vasconcellos e Sá.

E já agora que tanto se fala da Grécia, entre 178 países, a Grécia ocupa o 130º lugar na liberdade económica... pelo que o seu PIB per capita é o menor da UE-15 (44º no mundo) e numa lista de competitividade é 81º entre 144 países (i.e. está na metade de baixo da tabela).

VE - Por que há países mais empreendedores do que outros?

JVS - Há dois tipos de fatores. Uns sociais, outros económicos.

Nuns países os pais incentivam os filhos a procurarem empregos seguros, entre o Estado ou privados (o que, aliás, é impossível, hoje em dia porque o tempo de trabalho médio das pessoas ultrapassa em muito a esperança de vida das empresas). Noutros, os ídolos são os empresários: os S. Jobs, B. Gates, Zuckerbergs, Bezos, Knighths e Bowermans (fundadores da Nike), etc.

Depois há o contexto económico. Quando há muitas empresas públicas, os bancos preferem emprestar-lhes, pelo que cobram juros mais altos aos empreendedores; a

burocracia é outro custo; a corrupção, comportando-se como um árbitro comprado, impede os melhores de ganharem; as limitações à concorrência (de distância ou população entre farmácias, centros de inspeção, escolas de condução, etc.); e a própria ausência de liberdade económica (fruto de defeitos na regulamentação, posições dominantes, oligopólios) cria custos de contexto (p.e. nos correios, energia, materiais de construção, etc.).

A inovação precisa de liberdade para respirar. Por isso os países mais livres economicamente são os mais inovadores (correlação de 0,6 com zero por cento de probabilidade de ser devido ao acaso). A liberdade económica é o oxigénio para as start-ups.

E voltando novamente ao caso da Grécia, na lista (WEF) dos países mais e menos inovadores, entre 144 países, a Grécia é o 109º.

Ou seja, a Grécia não é inovadora; a Grécia não é competitiva (81º no mundo); a Grécia não tem liberdade econó-

“Quando há muitas empresas públicas, os bancos preferem emprestar-lhes, pelo que cobram juros mais altos aos empreendedores”

mica (130º). Pelo que a culpa da situação da Grécia é obviamente... dos credores, do Senhor Schäuble, etc.

VE - Que mudanças precisam de ser feitas para que haja mais iniciativa empreendedora?

JVS - Além das referidas antes, menor fiscalidade para as start-up; obrigatoriedade da disciplina de empreendedorismo em todo o terceiro ciclo, secundário e universitário das ciências sociais e exatas; retrainar os “des” ou subempregados para as profissões mais procuradas (muitos dos quais poderão ser pequenos empresários individuais, prestando serviços a várias empresas maiores): em Portugal técnicos de saúde, geriatria, programação, cozinheiros, restauração; incubadoras (não os mamarachos dos parques industriais, mas sob 1) um mesmo teto e 2) num “open space”, as universidades, as câmaras, etc. oferecerem um espaço com equipamento barato e criador de sinergias através de troca de ideias, clientes potenciais, contactos e motivação; e uma campanha com folhetos (com pequenas histórias de sucesso distribuídas gratuitamente nas escolas, livrarias, bibliotecas), além de programas (de rádio e TV) para atingir os jovens do Tintim: dos oito aos oitenta e oito.

VE - A última newsletter do Instituto de Liberdade Económica falava do Brasil. Porquê?

JVS - Como é que um país que é dos



ca afunda Grécia e Brasil

mais ricos do mundo em recursos naturais, tem um mercado interno de 200 milhões de pessoas, fala a quinta língua do mundo, etc., etc. está em recessão este ano e desde 1980 cresce à média da América do Sul (que inclui a Bolívia, o Paraguai, o Equador, o Peru...), apenas 2/3 da taxa do Chile e tem uma renda per capita de ± também 2/3 do Chile, abaixo da Argentina, Uruguai, Suriname (!), etc.? Como é possível?

A resposta passa por dois números: o Chile é o 7º país economicamente mais livre do mundo, o Brasil é 118º.

O ditado diz que o pior cego é o que não quer ver. Porque a liberdade económica (grande concorrência entre as empresas para o consumidor ter muita escolha) dá trabalho. E não tachos. E, como sabemos, a preguiça é um pecado que tem tanto de prevalente como de mortal (no outro mundo enviando para o inferno e neste criando pobreza).

A Austrália, antes de liberalizar a economia, crescia a 3%, depois a 5%; a Irlanda 5% versus 7%; a Nova Zelândia 3,5% contra 6%; o Botswana 5% versus 8,5%; o Chile 1% antes e 6,3% depois (desde 1980); etc. Quem quiser ver os resultados das revoluções económicas basta comparar os números.

"Temo pelo euro e pela Europa"

VE - Outro tema da atualidade é a Grécia. Teme pelo euro?

JVS - Temo pelo euro e pela Europa, uma vez que se pactuou novamente (com um terceiro resgate) com a Grécia.

Permita-me algumas perguntas e divida-las em cinco categorias: Syriza, Grécia, Europa, mercados e História.

Sobre o Syriza: qual a probabilidade de um partido de extrema esquerda (que no fundo são comunistas indisciplinados, se não pertenceriam ao PC) de implementar com vontade e cumprir um programa em que não acreditam? Em que defenderam o não num referendo? E em que o primeiro-

"Que fariam um Churchill, Adenauer, De Gaulle, Kohl ou Thatcher sobre a repetitiva irresponsabilidade grega?"

nistro já veio dizer numa entrevista que não acredita no programa?

Imagine numa empresa (e há multinacionais maiores que a Grécia), o presidente decidir e o diretor que tem que implementar no seu departamento dizer-lhe: "Como você manda, eu vou fazer, mas vai ver que isto vai dar para o torto... espere para ver...". Há algum presidente que deixasse este diretor implementar fosse o que fosse? E que ainda por cima lhe desse dinheiro para isso? Mas esta gente (da Europa) alguma vez trabalhou na vida? Em que mundo vivem?

Sobre a Grécia: a avaliação dos credores diz que a Grécia não cumpriu as medidas exigidas pelo primeiro resgate. A avaliação dos credores concluiu o mesmo para o segundo. E agora vai-se dar um terceiro?

Os americanos têm um ditado: você engana-me uma vez, vergonha para si; você engana-me duas vezes, vergonha para mim.

A Grécia cumpre? O primeiro-ministro Papandreou não admitiu que adulterou as contas? A Grécia é um país europeu? Vejamos: a capitação de consumo de medicamentos não é três vezes a europeia; a falta de um registo de propriedade fidedigno não

impossibilita a cobrança de impostos?; é ou não certo que não se sabe o número de pessoas que trabalham para o Estado?; e que não existe um sistema rigoroso de contabilidade pública, para saber "a quantas anda o Estado"?

Sobre a Europa: dado que o peso da Grécia é 2% do PIB europeu, se durante alguns anos (plano Schäuble) circularém no primeiro dracmas além de euros, qual o impacto nos segundos 98%?

Por oposição, se a Grécia conseguir uma reestruturação da dívida, o que vão querer os outros países? E que mensagem se envia aos seus eleitorados?: façam sacrifícios e aumentem a produtividade?

E já agora que se fala muito do "efeito dominó", de que Portugal seria o próximo, duas questões: a situação de Portugal tem algo a ver com a Grécia? E saindo a Grécia, precisamente para não criar a imagem de dominó, a Alemanha não faria tudo para Portugal não sair? Tratar-nos-ia (a nós e outros países) melhor ou pior?

Quarto: os mercados irão sentir-se pela saída da Grécia? Certamente. Mas pouco e uma vez. E o outro lado da moeda? Mais falhanços da Grécia não vão ter impactos futuros nos mercados (como no passado)? Vamos pôr dinheiro bom (nosso) em cima do mau? E o custo do tempo perdido sucessivamente com a Grécia? Na vida ou se trata de problemas, ou se trata de oportunidades. A diferença entre o PIB per capita da UE-15 e dos EUA não é de 42%?

E finalmente sobre a História: que fariam um Churchill, Adenauer, De Gaulle, Kohl ou Thatcher sobre a repetitiva irresponsabilidade grega?

Não foi Churchill que disse que a coragem é a suprema das qualidades porque sem ela todas as outras são teóricas? E uma das definições de loucura não é continuar a fazer o mesmo (neste caso um programa económico na Grécia) e esperar resultados diferentes?

A Grécia sair do euro é o mesmo que sair da União Europeia (e perder um mercado amplo sem barreiras e os fundos estruturais)? E sair também da NATO? E já agora pôr-se no "colo" da Rússia? Entre as múltiplas acusações feitas aos gregos e de todos os tipos (p.e., o ministro das Finanças finlandês diz que há 50 anos que não trabalham), alguém disse que eram masoquistas?

Enfim, o caso da Grécia é paradigmático. Sobre o que uns são (os governos da Grécia). E outros não são (os burocratas europeus).

E permita-me que termine citando Churchill e Camões. Churchill: receio mais um exército de ovelhas comandado por um leão do que um exército de leões comandado por uma ovelha. E Camões: rei fraco faz fraca a forte gente.

O mundo não precisa de uma Europa forte?

Em defesa da mudança económica desde 1993

Vasconcellos e Sá é presidente do Instituto de Liberdade Económica (que fundou em 2008), bem como presidente da Vasconcellos e Sá Associados.

Detentor de duas licenciaturas, uma em Economia (Universidade Técnica) e outra em Gestão de Empresas (Universidade Católica), tem também uma pós-graduação em Macroeconomia pela Fundação Gulbenkian e um MBA pela The Peter F. Drucker Graduate School of Management, na Califórnia.

Possui ainda um doutoramento em Gestão de Empresas (PhD), pela Columbia University, de Nova Iorque, onde foi enquanto estudante também assistente e investigador.

Jorge Vasconcellos e Sá é hoje um dos mais qualificados e procurados gurus da gestão nacional e internacional.

É professor catedrático, tendo lecionado na Universidade Católica, Nova, Técnica e AESE (Associação em Lisboa ligada ao IESE de Barcelona) e diretor de Relações Externas da NOPA (National Organization of Portuguese-Americans).

Foi-lhe conferida a Cátedra Jean Monnet, o mais alto título académico europeu, e recebeu no passado várias distinções – Fulbright, Beta, Gama e Sigma, etc.

Durante o ano 2004, foi um dos cinco membros da Comissão reportando ao primeiro-ministro para preparação do plano sobre Desenvolvimento Económico Sustentado. Sobre este tema, mas como académico independente, proferiu conferências no Parlamento Português (comissão especializada de economia). Também no âmbito da Presidência do Conselho de Ministros, em 1993, foi um dos membros da Comissão de Desburocratização Nacional.

Os seus livros (traduzidos em onze línguas: inglês, português, espanhol, mandarim, russo, ucraniano, alemão, lituano, tailandês, coreano e norueguês) têm recebido citações de recomendação, entre outros, de Peter F. Drucker, Philip Kotler, Al Ries (autor dos bestsellers Market Warfare e Posicionamento), Don Hambrick (professor da Universidade de Columbia e Universidade do Estado da Pensilvânia), Karl Moore (Professor da Universidade de Oxford e McGill), Luiz Moutinho (professor da Universidade de Glasgow), etc.

